

Apresentação

A ocasião dessa homenagem a Martin Heidegger nos foi dada pela passagem do vigésimo aniversário de sua morte. Como, entretanto, corresponder à ocasião e prestar condignamente uma homenagem, não a um pensador bissexto ou que investiga uma verdade distinta daquela pela qual ele vive, mas a alguém que, como Aristóteles, fez do pensamento a sua morada, um homem cujo pensamento, no dizer de George Steiner, “torna imperdoável a condescendência, mesmo momentânea, perante o fato da existência”? Essa pergunta, várias vezes repetida —nas muitas ocasiões em que se prestou homenagem a Martin Heidegger—, encontrou sempre a mesma resposta e o mesmo impasse. A resposta mais imediata e não de todo evidente é: homenageia-se um pensador na língua meditada e tentativa do pensamento, preservando-se do uso incontido de categorias filosóficas.

Com efeito, homenageamos um artista com a retrospectiva bem cuidada de sua obra. Um célebre desportista é homenageado no campo de suas glórias e na prática de seu desporto. Também um santo da Igreja tem sua vida exemplar lembrada, seus passos imitados e durante todo um dia os devotos pedem a Deus que vele por sua alma. Perante um chefe militar desfilam as suas tropas conduzindo um instrumental bélico bem manifesto em seu poder de destruição imediata e irreversível. Portanto, nada mais natural do que dizer: homenageamos um pensador no seu ofício, revivendo em palavras o diálogo áfono que ele sustentou consigo mesmo, de tal forma que se possa talvez ouvir o que já está dito e ainda não foi ouvido.

Mas, como é possível falar a língua do pensamento se essa língua ainda se recusa a nós? Se, como diz Heidegger “o que mais desafia o pensamento na época do desafio do pensamento é que *ainda não começamos a pensar*”?

Como homenagear um pensador se ainda não aprendemos a pensar? E mais, se esse *aprender a pensar* não é, tampouco, o simples resultado de uma decisão; se, sobretudo, no que diz respeito ao pensamento, nós não somos por nós mesmos? Eis, em resumo, o impasse recorrente em que nos encontramos perante a situação de uma homenagem a Martin Heidegger.

Compreendo que essa homenagem a Martin Heidegger é uma reunião que tem em vista a salvaguarda do pensamento. Sobre isso, diz Heidegger:

É o próprio de todo reunir que os que se reúnem reúnam-se com o propósito de coordenar seus esforços para a salvaguarda; apenas quando eles se reúnem com esse fim em vista, eles começam a reunir. (*Logos*)

Quero crer que os autores que participam dessa homenagem têm em vista, na justiça da homenagem, a importância da salvaguarda do pensamento. Não deste ou daquele pensamento e nem mesmo do pensamento de Heidegger ou ainda do “pensamento em geral”, mas daquilo que se destina a nós e a que poucos como Heidegger souberam corresponder. Uma tal salvaguarda não se deixa descrever em termos de “pró” e “contra”, como se se tratasse de uma milícia a montar guarda e assim preservar a *correção* de uma leitura e de um entendimento. Em outras palavras, os textos que vão ler a seguir não se pretendem “heideggerianos”, e não o são, ao menos não no sentido de uma ideologia ou de uma doutrina que se queira inculcar. Difundiu-se de Heidegger, diz Pierre Aubenque, “a imagem grotesca de um pensador vaticinante, invocando em termos sibilinos e folclóricos um Ser hierático”,¹ correlato sublimado de uma sociedade totalitária. Nada estaria mais distante das verdadeiras intenções do próprio Heidegger e nada impediria mais o acesso à possível verdade de seu pensamento.

É, no entanto, a controvérsia em torno de Heidegger que ora se apóia em sua obra para justificar sua conduta política, ora percorre o caminho inverso, parece tornar impeditiva a recusa de uma tomada de posição. Embora vários artigos aqui publicados se manifestem a esse respeito, nenhuma solução de conjunto justificaria a exposição. Contudo, participar de uma homenagem é já, de alguma forma, creio, prestar testemunho de uma obra e de uma vida. Pelo esforço, solicitude e presteza com que responderam os autores convidados agradeço em nome do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

De outra parte, gostaria de deixar registrado meu agradecimento aos senhores Reinhold Ferdinand, Dieter Stolte e Heidi Wagner da *Zweites Deutsches Fernsehen (Z.D.F)* pela pronta cessão do vídeo da entrevista de Heidegger ao prof. Dr. Richard Wisser —cujo texto integral encontra-se nesta revista— e que será exibido durante o colóquio “Homenagem a

¹ Vide seu artigo publicado nesta coletânea.

Martin Heidegger (por ocasião do vigésimo aniversário de sua morte)". Agradeço também ao prof. Dr. Richard Wisser por ter posto tão generosamente à nossa disposição, para consulta, seu arquivo pessoal. Agradeço finalmente, de modo especial, às professoras do Departamento de Filosofia da PUC-Rio Irley F Franco e Elsa Buadas pelo intenso trabalho realizado na preparação dos originais e, de modo geral, ao apoio permanente do diretor, dos professores e funcionários deste Departamento.

Antonio Abranches